



Serena Valentino

Cruella

A história daquela mulher diabólica

UNIVERSO DOS LIVROS

Cruella

Universo dos Livros Editora Ltda.
Avenida Ordem e Progresso, 157 - 8º andar - Conj. 803
CEP 01141-030 - Barra Funda - São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

Serena Valentino

Cruella

A história daquela mulher diabólica

São Paulo
2020

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Evil Thing

Copyright © 2020 Disney Enterprises, Inc. All rights reserved.
Published by Disney • Hyperion, an imprint of Disney Book Group.

Adaptado parcialmente da animação da Disney *Os 101 Dálmatas*.

Copyright © 1961 Disney Enterprises, Inc.

Os 101 Dálmatas é uma história baseada no livro *The Hundred and One Dalmatians*, de Dodie Smith, publicada por The Viking Press.

© 2020 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de
19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: Luis Matos

Gerente editorial: Marcia Batista

Assistentes editoriais: Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches

Tradução: Michelle Gimenes

Preparação: Marina Constantino

Revisão: Juliana Gregolin

Arte: Valdinei Gomes

Ilustração da capa: Jeffrey Thomas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

V252c

Valentino, Serena

Cruella: a história daquela mulher diabólica / Serena

Valentino; tradução de Michelle Gimenes. – São Paulo: Universo dos Livros, 2020.

272 p. (Vilões da Disney ; 7)

e-ISBN 978-65-5609-022-1

1. Literatura infantojuvenil 2. Super-vilões 3. Cruella de Vil
(Personagem fictício) I. Título II. Gimenes, Michelle

20-2468

CDD 028.5

Dedicado com amor ao meu cachorro, Gozer.

CAPÍTULO I

CRUELLA DE VIL

Suponho que eu poderia começar minha história aqui, na Mansão Infernal, lugar que permitiu que todos os meus maravilhosos planos brotassem das trevas. Mas prefiro começar do início, ou pelo menos o mais próximo disso, para que vocês tenham uma ideia do que me move. É claro que vocês conhecem a história daqueles cãesinhos, aqueles malditos dálmatas e seus donos sem graça, Roger e Anita. E aposto que vocês até torceram para que eles escapassem de mim. Eu, um monstro, a “mulher diabólica” que usa um casaco de pele. Será que não mereço a chance de contar a minha versão da história? A história real. É *fabulosa*, no fim das contas. Prestem atenção! É a *minha* história. A história de Cruella De Vil!

Mas o tempo está passando, queridos. Voltemos para quando eu era uma garota de onze anos e morava na mansão da minha família. Então se preparem: esta será uma viagem insana.

Minha mãe, meu pai e eu morávamos em uma casa enorme em Belgrave Square. Era grande, extravagante e magnífica, uma mansão imponente com quatro colunas gigantescas sustentando um terraço que dava para a praça. Nosso bairro ficava a uma distância segura da ralé de Londres, que ficava do outro lado da cidade. Nós vivíamos do *lado certo*, cercados por parques a perder de vista, que criavam um mundo que parecia pertencer apenas a nós.

Certamente era possível vislumbrar, vez ou outra, um criado polindo os metais das varandas da frente ou uma babá passeando pelo parque com alguma criança de voz estridente. Havia também as senhoras que vendiam violetas nas esquinas e os garotinhos que vendiam jornais e entregavam mensagens, mas eles eram quase invisíveis, como uma assombração. Eu nem os considerava gente.

Eu os chamava de “não gente”. Para mim, eles eram praticamente fantasmas.

Embora, obviamente, meus próprios criados estivessem bem vivos, a maioria era como espectros silenciosos, aparecendo e desaparecendo apenas quando precisávamos deles. Eles não eram *reais*. Ou era isso que eu achava, pelo menos. Não eram como mamãe e papai. Nem como eu. Alguns dos meus criados pareciam mais reais que outros. Eram aqueles que estavam sempre no meu campo de visão. Os criados que não eram propriamente criados, mas que ficavam entre empregados e membros da família. Falaremos deles no momento apropriado.

Mas... ah! Como eu amava meu pai, minha mãe e nossa casa enorme em Belgravia, com seus lustres de cristal, papéis de parede extravagantes e piso de madeira encerada coberto por tapetes exóticos. E, de certo modo, eu amava até os nossos empregados fantasmagóricos, que se moviam em silêncio e sistematicamente pela casa, atendendo a cada um de nossos caprichos. Sempre lá. Sempre prontos para cumprir minhas ordens, assim que eu tocava a sineta.

A imagem de nossa residência enorme brilha em minha memória feito uma luz, tentando me levar de volta para casa de qualquer maneira. Se ao menos eu pudesse estar protegida por suas paredes outra vez. Levar uma vida de maneira gloriosa, como levava quando era criança, quando tudo era simples. Vivi tantos dias maravilhosos naquela casa. A memória deles circula pela minha mente e às vezes me deixa tonta de saudade.

Passava a maioria dos meus dias com a srta. Pricket, minha babá, na sala de estudos. A srta. Pricket era a responsável pela minha educação desde que eu atingira a idade adequada para aprender a ler. Ela me dava aulas de francês, aquarela, bordado, leitura e escrita. A maioria das garotas de nosso círculo social era educada por governantas. Se eu fosse um garoto, teria sido mandada para um internato, onde teria aprendido todo tipo de matéria, como, por exemplo, mitologia grega, história e matemática. Às garotas, era ensinado como se portar em uma sala matinal. Como se comportar como jovens damas respeitáveis. Como organizar festas magníficas, planejar cardápios e conduzir

conversas durante os jantares. E essas coisas, também, fizeram parte da educação que recebi da srta. Pricket. Mas ela nunca se negou a me ensinar se eu demonstrasse interesse por um assunto que não era reservado às jovens damas. Ela estimulava minha inclinação para a geografia, por exemplo, e deixava que eu dedicasse quanto tempo quisesse ao estudo de culturas e costumes de diferentes países, porque sabia que eu queria desesperadamente viajar pelo mundo quando tivesse idade suficiente para embarcar em tal aventura. Tenho lembranças queridas daquela época. Mas minha parte favorita de todos os dias era descer para a sala matinal com a srta. Pricket e passar uma hora agradável com minha mãe.

Uma hora por dia, totalmente dedicada a mim.

A paixão de minha mãe por roupas requintadas era inabalável. Ela estava sempre lindamente vestida com modelos da última moda. Ninguém estava à altura dela, nem mesmo eu. E vocês sabem quanto sou deslumbrante, não é, queridos? Já viram minhas fotos nos jornais. Sabem das minhas proezas e da minha devoção incansável à moda. Bem, queridos, minha mãe era igual. Tinha uma vida glamorosa e empolgante, e a merecia. Era a mulher mais bela e encantadora que já conheci. Era uma verdadeira dama.

Ela não *precisava* arranjar tempo para mim, ocupada como era, mas arranjava, todos os dias no mesmo horário, assim que eu terminava meus estudos com a srta. Pricket. Eu imaginava minha mãe enquanto descia a imponente escadaria, indo da sala de estudos para a sala matinal. Eu tinha que me segurar para não descer os degraus correndo, para ser uma verdadeira dama e não gritar de alegria, porque ficava muito feliz em ver minha mãe. Afinal, minha sala de estudos era algo novo. O quarto de brincar tinha sido transformado recentemente em sala de estudos, o que significava que eu estava no caminho para me tornar uma jovem dama.

A srta. Pricket estava sempre lá, segurando minha mão para que eu me comportasse de forma apropriada. Não que eu precisasse que ela orientasse meu comportamento. Mas eu *precisava* de suas orientações sobre como me vestir, pois ainda não havia desenvolvido o talento genial de mamãe para compor um visual. Antes de deixarmos a sala de estudos todos os dias e irmos ao

encontro de mamãe, a srta. Pricket se certificava de que eu estivesse impecável. Eu insistia, no mínimo, em estar perfeita. A srta. Pricket inspecionava cada detalhe, verificando se meu cabelo, vestido e laços estavam em ordem, sabendo que eu ficaria arrasada se minha mãe notasse alguma coisa fora do lugar. Eu nem sonhava em descer para a sala matinal antes de colocar um dos meus vestidos mais bonitos, ou sem ter certeza de que cada cacho do meu cabelo estava perfeitamente arrumado.

A sala matinal era a preferida de mamãe. Era o território dela, e estava sempre decorada com extravagância. Não era a maior sala da casa; sendo um dos cômodos do piso principal destinados à família, era menor, mas aconchegante, e um dos mais bonitos. As janelas ficavam alinhadas na parede dos fundos, junto a um par de portas francesas que levavam ao terraço, com vista para Belgrave Square. Diante das janelas havia uma grande escrivaninha de madeira, onde minha mãe cuidava da correspondência e da administração diária da casa. Na parede da direita ficava a lareira, cuja moldura era bem decorada com os preciosos tesouros que meus pais traziam de suas diversas viagens pelo mundo: um par de belas estátuas de jade em formato de tigre, um pequeno relógio de ouro e uma estátua de ônix preto de Anúbis, o deus egípcio protetor das tumbas antigas. Anúbis tinha a forma de cachorro, e eu havia imaginado que ele era o protetor dos cães até meu pai me corrigir. E, obviamente, ali também ficavam os convites para festas e jantares, que adornavam a moldura da lareira de todas as famílias mais elegantes. Mamãe sempre tinha no mínimo três convites em qualquer dia da semana.

Acima da lareira estava pintado um padrão semicircular em estilo *art déco* que ficou marcado na minha memória. Quando fecho os olhos e penso na casa em Belgravia, lembro-me daquele desenho. Bem que gostaria de descrevê-lo melhor, porque não é tanto sua aparência que tento descrever, mas o sentimento que pensar nele evoca. A sensação de lar. Como descrever uma coisa dessas?

A sensação de estar em casa.

À direita da lareira havia uma estante de livros ladeada por dois grandes vasos de palmeiras. Na frente dela, a certa distância, ficava um carrinho de bebidas com várias garrafas, copos de coquetel e o

sifão de água gaseificada. Diante da lareira havia um sofá de couro e, de frente para ele, duas poltronas do mesmo material separadas por uma mesinha redonda. As paredes eram pintadas de um tom ameixa-envelhecido e decoradas com pinturas a óleo em molduras de ouro ornamentadas, além de retratos de damas e cavalheiros austeros. Provavelmente eram parentes do meu pai cujos nomes não sabíamos.

Praticamente todas as visitas que eu fazia à sala matinal para ver minha mãe eram iguais, mas eu ficava maravilhada toda vez que a via sentada no sofá de couro, esperando por mim. Ela era tão impressionante, minha mãe. O que ela fazia depois do nosso encontro matinal determinava o que vestia. Geralmente seus planos envolviam sair à tarde com amigas para tomar chá e fazer compras. Em uma das minhas lembranças, ela usa um lindo vestido com a barra na altura das panturrilhas e uma faixa na altura dos quadris, como era moda naquele tempo. Seu batom é rosa-pálido, combinando com o vestido e contrastando com seu cabelo comprido e brilhante, que ela havia prendido para simular um novo corte. Quando saía à noite, ela usava batom vermelho, mas nunca durante o dia. *Batom vermelho é para a noite*, ela dizia sempre. Às vezes ainda ouço seu conselho ecoando em minha mente e, quando isso acontece, sinto como se eu ainda fosse uma garotinha.

Uma tarde em particular se destaca em minha memória. Para ser sincera, não sei dizer se é uma lembrança de um dia ou de muitos, todos misturados em minha mente. Enfim... é uma lembrança bem vívida. Minha mãe sentada casualmente no sofá de couro marrom decorado com uma suntuosa manta vermelha. Eu quis correr para os braços dela assim que a vi, mas a srta. Pricket apertou minha mão, uma forma discreta de me lembrar de que eu deveria agir feito uma jovem dama. Então eu fiquei lá parada, esperando pacientemente que minha mãe desviasse sua atenção da pilha de cartas e cartões que examinava. Quando ela finalmente olhou para mim, dei meu sorriso mais charmoso.

– Boa tarde, Cruella, minha querida – ela disse, virando a bochecha na minha direção para que eu a beijasse. – Vejo que está usando aquele vestido vermelho outra vez.

Fiquei arrasada. Mamãe parecia decepcionada comigo, e aquilo me provocou um frio na barriga.

– Achei que gostasse deste vestido, mamãe. Disse isso outro dia. Mencionou que eu ficava bonita nele. – Minha mãe suspirou e deixou de lado as cartas que examinava.

– É esse o problema, querida. Eu a vi com este vestido há poucos dias, e você insiste em usá-lo de novo, quando sei que seu armário está lotado de vestidos novos. Uma dama não deve jamais ser vista usando o mesmo vestido duas vezes, Cruella. – Fiquei furiosa com a srta. Pricket. Como podia ter deixado aquilo acontecer? Como podia ter me deixado usar o mesmo vestido duas vezes?

– Srta. Pricket, poderia tocar a sineta e pedir o chá? Depois, por favor, sente-se. Vocês duas. Estão me deixando nervosa zanzando aí feito dois passarinhos.

– Claro, senhora. – A srta. Pricket puxou a corda que ficava à esquerda da lareira e depois se sentou em uma das poltronas de couro, de frente para o sofá em que mamãe e eu geralmente nos sentávamos. Enquanto esperávamos pelo chá, mamãe fazia sempre as mesmas perguntas, na mesma ordem. Toda vez. Ela não perdia tempo, minha mãe.

– Está obedecendo à srta. Pricket, querida?

– Sim, mamãe.

– Boa menina. Está se saindo bem nas aulas?

– Sim, mamãe. Muito bem. Estou lendo um livro sobre uma princesa destemida capaz de falar com as árvores.

– Mas que bobagem. Falar com árvores, era o que me faltava. Srta. Pricket, que besteira é essa que você deixou minha filha ler?

– É uma das histórias de aventuras da Cruella, senhora. Do livro que Lorde De Vil deu a ela.

– Ah, sim. Bem, não quero que ela estrague a vista lendo até tarde.

– Não, senhora. Eu leio para ela à noite.

– Então tudo bem. Ah, veja só. Jackson chegou com o chá. – E lá estava ele, seguido de perto por Jean e Pauline, duas jovens criadas em seus uniformes pretos e chapéus e aventais brancos. Eu conseguia sempre saber que horas eram só pela cor dos uniformes

das criadas. De manhã e no começo da tarde, elas usavam rosa, no fim da tarde e à noite, vestiam preto.

Jackson trazia uma bandeja com o bule de chá, xícaras, pires, pratinhos, açúcar e creme. Era o meu jogo de chá favorito, aquele com rosinhas vermelhas. Jean carregava sanduíches, biscoitos e bolinhos brancos enfeitados com florezinhas cor-de-rosa, tudo habilmente disposto em uma bandeja com suporte de várias camadas que ela deixou ao lado de mamãe. Pauline, a quem minha mãe chamava de Paulie, levava uma linda gelatina de framboesa sobre uma bandeja de prata. A gelatina trepidou quando foi depositada sobre a mesa.

– O que é isso, Paulie? – perguntou mamãe. – Um agrado da sra. Baddeley?

Paulie deu um sorriso matreiro para mim enquanto respondia à minha mãe.

– Sim, senhora. Feito especialmente para a srta. Cruella.

– Então é melhor você ir até a cozinha e agradecer à sra. Baddeley assim que terminarmos nosso chá, Cruella. Foi muita gentileza dela mandar uma gelatina para você. Mas da próxima vez, Paulie, leve essas coisas para o quarto de brincar. Não quero doces melequentos na sala matinal.

– Agora é a sala de estudos, mamãe – eu disse baixinho.

– O que disse, querida? Fale alto. Não quero que aja feito um camundongo tímido – ela corrigiu, olhando de esguelha para a gelatina, como se ela pudesse pular da mesa e estragar o tapete caro a qualquer momento.

– Agora é a sala de estudos, não mais o quarto de brincar – falei, erguendo um pouco a voz.

– É claro, querida. Mas não deveria me interromper por causa de um detalhe desses. Agora, você não deveria deixar a sra. Baddeley esperando. Já não está terminando o seu chá?

A srta. Prickett pegou, com uma mão, meu prato cheio de pequenos sanduíches e bolinhos, e, com a outra, segurou minha xícara pelo pires, e então colocou tudo na bandeja de prata.

– Jean vai levar estas coisas até a cozinha para você, não é, Jean? Assim a srta. Cruella pode terminar de comer lá.

– Que ótima ideia, srta. Pricket. Não acha, Cruella? Já estou de saída, de qualquer forma. Não posso chegar atrasada ao encontro com Lady Slapton. Se eu me atrasar, ela não falará de outra coisa até algo diferente chamar a sua atenção. – Então mamãe virou-se para o nosso mordomo. – Jackson, meu casaco.

– Sim, senhora. – E lá foi ele, com Jean e Pauline atrás de si, levando da sala matinal todos os utensílios do chá.

– Dê um beijo em sua mãe antes que ela saia, srta. Cruella – disse a srta. Pricket, como se eu precisasse ser persuadida. O fato era que eu estava fazendo hora. Eu queria ver mamãe em seu casaco de pele.

– Pode me acompanhar até o vestíbulo, se quiser, Cruella, e me ver partir antes de ir para a cozinha. – A srta. Pricket me pegou pela mão e me conduziu da sala matinal até o vestíbulo, junto à entrada principal. Era o grande centro de nossa casa. Pode-se dizer que era o coração do nosso lar. No centro do cômodo ficava uma mesa redonda com um vaso de flores que eram trocadas diariamente. Em geral, meu pai deixava seu chapéu sobre a mesa quando chegava. Com certeza, o chapéu seria levado por seu criado para ser limpo e depois entregue em seu quarto, onde meu pai o encontraria no dia seguinte. À direita da entrada principal ficava nossa extravagante sala de jantar, e à esquerda havia a enorme escadaria que levava à sala de estar e ao salão de baile no andar superior, e mais acima era o piso em que ficavam os nossos quartos de dormir. Mais um andar para cima e se chegava ao dormitório dos criados, enfiado no sótão. Ao pé das escadas havia uma porta que levava ao porão, onde ficava a cozinha e o lugar onde os criados trabalhavam. E, bem em frente à porta da entrada principal, ficava a sala matinal, a alma de nossa casa.

Jackson e Jean estavam parados perto da porta principal, esperando por nós. Jackson segurava o casaco de pele de minha mãe, e Jean segurava sua carteira, que brilhava à luz de fim de tarde. Depois que Jackson ajudou minha mãe a vestir o casaco, ela fez um carinho na minha cabeça.

– Agora seja uma boa menina, Cruella. E não se empanturre de doces, não importa quanto a sra. Baddeley insista. Até mais, minha querida. Não volto para o jantar. – Ela jogou um beijo para mim e

saiu apressada, com seu comprido casaco de pele esvoaçando atrás dela de modo dramático. Minha mãe sempre saía para encontrar com as amigas e, às vezes, só voltava para casa quando anoitecia. E, se papai não estivesse, ou se ficasse até tarde na Câmara dos Lordes, ela só voltava para casa bem depois do jantar, quando eu já estava na cama.

A maioria dos dias era assim.

Mas ah... como eu adorava meus momentos especiais com mamãe. Uma hora por dia, todos os dias, desde sempre. Uma hora toda dedicada a mim. Era o ponto alto da minha rotina. Uma lembrança à qual me agarro agora que estou nas trevas.

Os momentos que passei com mamãe.

Bela mamãe com seus casacos de pele, joias reluzentes e vestidos sofisticados. Bela mamãe indo apressada para locais animados. Ela era alta, magra e esguia, com impressionantes cabelos negros e olhos de um castanho tão escuro que também pareciam pretos. Tinha malares altos e traços angulosos de matar de inveja qualquer modelo ou atriz. Estava sempre coberta de diamantes e envolta em vestidos reluzentes e, obviamente, sempre usava casacos de pele. Posso vê-la com nitidez quando fecho os olhos. Brilhando no escuro, feito uma estrela cintilante.

Depois da hora maravilhosa que eu havia passado com minha mãe na sala matinal, a srta. Pricket me acompanhou até a cozinha para que eu agradecesse à nossa cozinheira, a sra. Baddeley, pela gelatina. Nem sempre ela mandava gelatina, mas, quando o fazia, mamãe insistia para que eu fosse educada.

Tenho que ser sincera: a sra. Baddeley era insuportável. Era uma mulher atarracada de rosto vermelho e olhos que pareciam sempre sorridentes. Estava sempre coberta de farinha e com mechas de cabelo escapando do coque preso no alto da cabeça. Toda vez que afastava os cabelos do rosto, espalhava mais farinha pelo corpo. Ela adorava me tratar como se eu ainda fosse uma garotinha, em vez de uma jovem dama, e perguntar coisas que não eram nem um pouco da conta dela. Por que queria saber o que eu estava aprendendo nas aulas? Mamãe não me incomodava com perguntas sobre o que eu estava estudando, então por que a cozinheira fazia isso?

Fechei bem os olhos enquanto descia a escada a caminho da cozinha, desejando ser gentil com ela e capaz de suportar a ladainha estridente de perguntas que ela disparava em alta velocidade.

– Ah, Cruella! Como vai você, minha menina? – ela perguntou assim que ouviu o som dos meus passos na escada. Para uma idosa, ela ouvia bem demais. Juro que ela podia me ouvir saindo desde o terceiro andar e que já teria uma gelatina pronta esperando por mim assim que eu chegasse ao porão.

– Vou muito bem, sra. Baddeley – respondi. – Obrigada pela gelatina. Estava bonita. – A risada dela era um pouco rouca, vulgar e alta. Combinava perfeitamente com sua aparência.

– Ah, minha menina! O gosto é ainda melhor que o aspecto. Pegue – ela ofereceu enquanto me servia uma porção e arranjava espaço na mesa em que esticava uma massa. – Sente-se, querida. Sei que gelatina é o seu doce favorito.

O fato é que eu detestava gelatina, mas, de algum modo, ela tinha enfiado na cabeça que eu adorava, e então eu supostamente teria que aguentar as gelatinas da sra. Baddeley pelo resto da infância.

Sentei-me em um banco de frente para ela e me forcei a engolir a gelatina enquanto a observava trabalhar a massa, com um sorriso surgindo em seu rosto toda vez que me fazia perguntas bobas.

– Quer convidar umas amigas para o chá? Aquela garota adorável... Anita? Podemos fazer uma festa! Posso fazer todos os seus doces preferidos. Anita não gosta de torta de limão?

– Ela gosta, sim. Obrigada – eu disse entre delicadas mordidas. Afinal, mamãe havia dito para eu não comer demais.

– Não acredito que você já tem essa idade. Minha nossa, já vai fazer doze anos, srta. Cruella! Vou preparar algo especial, pode ter certeza. – Sinceramente, ela não parava de falar. – E não falta muito até que vá para a escola de etiqueta. Só alguns anos. Está animada? Nervosa? Ah, Cruella, você vai amar a escola e todas as novas amigas e aventuras... – E continuou falando pelo que me pareceu ser uma eternidade. Que impertinente. Como se *ela* soubesse o que eu amaria ou não. Estava sempre fingindo que se interessava por mim, a sra. Baddeley. Aquilo me fez pensar. Nem minha mãe me perguntava aquelas coisas. O que fazia a sra.

Baddeley achar que tinha esse direito? Mas não era sempre assim que as cozinheiras agiam, tentando fazer amizade com as crianças da casa? Mamãe me contara histórias sobre as cozinheiras de sua família, como lhe passavam os doces e como estavam sempre puxando conversas inapropriadas. Sei que Anita adorava a cozinheira de seu tutor – ela praticamente a considerava uma segunda mãe. Mas isso era algo que eu nunca entendi. Eu *tinha* mãe. Uma mãe maravilhosa. O que eu poderia querer com uma mulher coberta de farinha que me paparicava constantemente? Eu era educada com ela, é claro. Respondia às suas perguntas. Eu era um doce nesse sentido. (Não tão doce quanto as gelatinas tóxicas da sra. Baddeley, mas, ainda assim, doce.) É assim que uma jovem dama deve se comportar, então era assim que eu agia quando cumpria meu dever de descer até a cozinha e agradecer àquela mulher irritante.

Veza ou outra, minha mãe também descia para falar com a cozinheira, para elogiar a refeição estupenda ou agradecer por ter impressionado seus convidados. Acho que é porque ela tinha medo de perder a cozinheira para outra casa se não a adulasse de vez em quando. Tantos convidados nossos elogiavam a comida da sra. Baddeley que minha mãe certamente achava que alguém roubaria sua criada.

– Não é como antigamente – mamãe dizia –, quando os criados ficavam vinculados a uma residência a vida toda. Agora eles têm oportunidades. Alguns até sabem ler e escrever. Devemos fazer o que nos cabe para mantê-los fiéis. – E então ela descia a escada com seus vestidos brilhantes, parecendo totalmente deslocada, só para lançar um sorriso de agradecimento para a sra. Baddeley e agradá-la como se agrada a um cãozinho carente.

Ah, cãezinhos... Logo chegaremos a essa parte da história.

Então imitei minha mãe e desci para a cozinha a fim de agradecer à sra. Baddeley quando ela fez a gelatina para mim. Não esqueci de dizer que o sabor framboesa era o meu preferido. Elogiei o formato da gelatina e pedi para ver a forma que ela havia usado. Tudo isso fez a sra. Baddeley rir de alegria. Ela própria parecia uma gelatina, trêmula e bamboleante quando se movia. Ela pegou a forma da prateleira de cima e me mostrou. Fingi achar fascinante.

– Obrigada, sra. Baddeley. Quem sabe poderia usar a forma redonda da próxima vez? Aquela com as arvorezinhas. Adoro aquela forma.

Sinceramente, eu não dava a mínima para o formato da minha gelatina; independentemente do formato, eu ainda teria que engoli-la à força. Mas o pedido a fez rir, parecendo ter enchido seu coraçõzinho puro de alegria, e, tão tola que era, ela acreditou em mim.

– Usarei, srta. Cruella! E será outra de framboesa, pode apostar!

– Obrigada, sra. Baddeley – respondi.

Você é uma tola, pensei.

– E como foi o encontro com sua mãe hoje? – ela perguntou, parecendo um pouco triste enquanto o fazia. Por algum motivo, ela olhou para a srta. Pricket à espera de uma resposta.

– Ela estava linda como sempre – repliquei bem alto, para que ela soubesse que a resposta vinha de mim, não da minha babá.

– Com certeza ela passaria mais tempo com você, se pudesse, srta. Cruella – disse a cozinheira, com suas mãos cobertas de farinha enquanto estendia a massa da deliciosa torta que preparava para o jantar dos criados. Ela fez questão de dizer que torta de coelho era a favorita de Jackson. Tentei não torcer o nariz. Da última vez que tinha descido à cozinha, ela estava fazendo uma torta de cordeiro. Imagino que os mais pobres adorem tortas.

– Passamos uma hora muito agradável juntas – contei, com um sorriso forçado. A sra. Baddeley e a srta. Pricket trocaram olhares outra vez.

Era muito estranho como elas se olhavam quando falávamos sobre minha mãe. Decidi que era porque tinham inveja. Quer dizer, como poderiam não a invejar? Que outro motivo as faria trocar olhares esquisitos? Minha mãe era uma dama e elas não passavam de *empregadas*.

E, então, como se pressentisse que eu pudesse dizer tal coisa em voz alta (eu jamais o faria, porque certamente não seria apropriado para uma dama), a srta. Pricket pegou minha mão, indicando que era hora de voltar lá para cima. E ainda bem que fez isso, porque descobri que havíamos passado horas no porão.

– Vamos, srta. Cruella. O que acha de subirmos e convidarmos a srta. Anita para vir tomar chá amanhã?

– Claro, srta. Pricket! Eu adoraria – respondi assim que desci do banco e segurei a mão dela.

Enquanto eu subia os degraus de mãos dadas com a srta. Pricket, sorrindo e acenando para a sra. Baddeley, senti o coração mais leve. Eu saía da escuridão das masmorras da cozinha e adentrava um mundo que era real e cheio de luz.

Lá em cima, havia vida e beleza, e nem sinal de farinha.

Eu odiava ir lá embaixo; era escuro e abafado, e os criados pareciam pálidos fantasmas com aquela iluminação fraca. Mas o que eles podiam fazer, de fato, se passavam o dia todo enfiados no porão, sem nunca virem a luz do sol? Acho que esse é um dos motivos pelos quais eles não me pareciam reais.

A srta. Pricket, imagino, era *quase* real. Ela não era exatamente uma empregada, mas também não era parte da família. Ela não fazia suas refeições com os criados. E também não ficava no dormitório dos criados, empilhada no sótão com eles. Ela comia comigo, se minha família tivesse saído à noite, ou levava a refeição numa bandeja para o seu quarto, que ficava bem em frente ao meu. A srta. Pricket quase poderia ter sido uma dama, caso se vestisse como uma. E era bonita o bastante debaixo de suas roupas austeras de babá. Seu uniforme fazia com que ela parecesse ser bem mais velha. Quando eu era pequena, isso me deixava confusa, porque mamãe sempre se referia a ela como uma antiga empregada, e foi só quando cresci que percebi que, na verdade, ela era bem jovem. Ela tinha olhos verde-claros, cabelos ruivos, sardas nas bochechas e um corpo esguio. Era frágil e delicada como uma dama. Só que não era uma dama.

Ela era uma *intermediária*.

Quando a srta. Pricket e eu finalmente terminamos de subir a escada que saía da cozinha e chegamos à entrada principal, vi nosso mordomo, Jackson, ir até a porta para receber alguém. Jackson era alto, grisalho e estoico. Havia certa dignidade nele; ele sempre mantinha a postura. Era como um grande general no campo de batalha ao comandar a casa, exceto pelos gritos. Jackson

jamais levantava a voz. Não nos andares superiores da casa, pelo menos.

Jackson abriu a porta. Para a minha surpresa, era mamãe! Meu coração saltou e dei um gritinho de alegria. Eu não esperava que ela voltasse tão cedo.

– Cruella, por favor! Comporte-se feito uma dama! – alertou a srta. Pricket, apertando minha mão.

Mamãe adentrou o vestíbulo como se fosse uma estrela de cinema, seu casaco esvoaçando ao seu redor de maneira dramática. Atrás dela estavam vários criados de libré carregando os seus diversos pacotes.

– Oi, mamãe! – saudei, virando minha bochecha para que ela me beijasse.

– Oi, Cruella, querida! – ela me cumprimentou. Seus olhos se voltaram para o meu vestido. – Vejo que desceu para agradecer à sra. Baddeley pela gelatina. Só voltou da cozinha agora? Srta. Pricket, olhe para ela. Vocês ficaram quanto tempo exatamente lá embaixo? Parece que ela fez um bolo com as próprias mãos! Não quero que minha filha pareça uma reles cozinheira! – Baixei os olhos para o meu vestido, arrasada. Eu não havia percebido. Ainda bem que minha mãe foi cuidadosa o bastante para chamar a minha atenção, ao contrário da maldita sra. Baddeley, que me deixara sair por aí feito uma idiota coberta de farinha! Mas ela provavelmente não via nada de errado naquilo.

– Obrigada, mamãe. – Recuei, percebendo como fora tola ao virar meu rosto cheio de farinha para que ela me beijasse. A última coisa que eu queria era sujar de farinha o lindo casaco de pele de mamãe.

– Seu pai chegará tarde hoje, então jantarei com os Slapton antes da ópera.

– Ah – exclamei, decepcionada. – Achei que você tivesse mudado de ideia e decidido jantar em casa.

– Não, querida. Só vim trocar de roupa. Pode jantar com a srta. Pricket no quarto de brincar. Passarei lá para dar boa-noite antes de sair.

– Sala de estudos, Lady De Vil. – A srta. Pricket a lembrou depressa, lançando um olhar na minha direção. – Agora é uma sala de estudos, não um quarto de brincar. – Sorrindo para a minha mãe,

ela acrescentou: – Falando nisso, a srta. Cruella está se saindo muito bem nos estudos, senhora. – Mamãe não respondeu. Era como se a srta. Pricket não tivesse dito nada. E por que mamãe deveria responder? Ela não havia dirigido a palavra à srta. Pricket. E provavelmente não ligava para as correções de uma intermediária. Eu não esperava que minha mãe se lembrasse de algo tão trivial quanto o nome de um aposento idiota. Mesmo que eu estivesse muito orgulhosa por passar meus dias em uma sala de estudos, não em um quarto de brincar.

A srta. Pricket pareceu desapontada. Imagino que estivesse chateada por ter sido ignorada por mamãe. Ou talvez fosse por mamãe ter ficado tão irritada com o estado da minha roupa. Qualquer que fosse o motivo de sua cara de ressentida, a intermediária pegou minha mão e me conduziu para o andar de cima. Fizemos nossa refeição noturna juntas, como sempre, depois que voltei a ficar apresentável. O ponto alto da noite foi quando mamãe entrou na sala de estudos para me dar boa-noite antes de sair para seus compromissos noturnos, com seu vestido cintilante brilhando com a luz, seus saltos fazendo barulho no piso e trazendo pendurada no braço sua bolsa adornada com joias. Sua voz melodiosa me desejou uma boa noite.

– Tenha uma ótima noite, Cruella. Durma bem – ela disse, jogando um beijo de longe. – Pode vir até a escada me ver sair, se quiser. – E fui. Eu sempre ia. Amava ver mamãe saindo à noite.

Eu a observei do topo da escada enquanto ela descia com seu vestido brilhante atrás de si. Jackson a aguardava no último degrau, segurando para ela um longo casaco de pele. Fiquei pasma ao vê-la sair. Ela era a mulher mais glamorosa que eu conhecia.

Como eu cobiçava aqueles casacos de pele! Eu mal podia esperar para ganhar o meu primeiro.

Esperei até o ronco do motor do carro de mamãe estar longe o bastante para não ser mais ouvido e depois me dirigi para o meu quarto.

Toda vez era a mesma coisa. A srta. Pricket me levou chocolate quente e conversamos sobre o dia enquanto eu tomava a bebida. Ela leu para mim, e então fizemos planos para o dia seguinte antes que ela me botasse na cama.

– Devo convidar Anita para vir amanhã? Já faz um tempo que não a vemos.

– Sim – respondi sonolenta. – Eu adoraria. – Era verdade. Ela viajara com a família no verão, então fazia tempo que não nos víamos. Anita era minha melhor amiga, e eu sentia muita falta dela quando ela viajava. Eu conhecia Anita desde sempre. Ela era a tutelada de um dos melhores amigos e colega de trabalho de meu pai na Câmara dos Lordes, e, embora mamãe não a achasse uma amiga apropriada para mim, porque não era de família rica como eu, papai a considerava uma boa influência, e sempre insistia para que eu a convidasse para as reuniões e viagens de nossa família. Na infância, ela era como uma irmã para mim.

Embora Lorde Snotton permitisse que ela morasse em sua casa, ela não era uma verdadeira dama, não como eu. Anita não seria apresentada à sociedade. O máximo que ela poderia esperar era uma educação excepcional, o que lhe daria a chance de se tornar babá ou governanta de uma família abastada, a menos que seus tutores conseguissem arranjar um casamento adequado com um cavalheiro que não se importasse com sua falta de berço. Obviamente, ela poderia se aventurar por conta própria e trabalhar como vendedora ou datilógrafa. Mas por que ela iria querer uma coisa dessas?

Isso me lembrou daquela história de Jane Austen... qual era mesmo o nome? Aquela sobre duas irmãs: uma que se casou por amor e a outra que se casou porque era a coisa sensata a se fazer. E é claro que aquela que se casou por amor era pobre, e acabou mandando uma de suas filhas para morar com a que se casou por sensatez. É o resumo da história de Anita – exceto que o tutor de Anita não tinha um filho bonito por quem ela pudesse se apaixonar e casar. Ele tinha duas filhas que faziam de tudo para mostrar a Anita que ela era inferior. Eu me pergunto se eu agiria da mesma forma que as terríveis irmãs Snotton, caso não tivesse amado Anita desde a mais tenra idade, antes que minha mãe me contasse a história dela. Imagino que jamais saberei.

Realmente, Anita era pouco mais que uma intermediária. Mas era minha melhor amiga e minha companhia predileta. Eu não me

importava com sua família e sua falta de conexões. Ela era a pessoa mais doce que eu conhecia. E eu a amava.

Depois que conversamos sobre convidar Anita para o chá, a srta. Pricket sugeriu que lêssemos o meu livro favorito de contos de fadas, como era nosso costume todas as noites.

– Vamos ler um pouco sobre a Princesa Tulipa antes de dormir? Acho que paramos quando ela estava prestes a pedir aos Gigantes de Pedra que a ajudassem e aos Senhores das Árvores que protegessem as Terras das Fadas de uma ameaça terrível.

– Acho que estou cansada demais para histórias hoje, srta. Pricket. – Minhas pálpebras estavam pesadas e eu estava pensando em outra coisa. – Sabe por que mamãe não gosta de Anita? É mesmo por causa da família dela?

– Eu realmente não saberia dizer, srta. Cruella. – Eu sabia que aquela era a maneira da srta. Pricket de expressar que *preferia* não dizer, e eu a respeitava por não falar mal de minha mãe. Embora eu não me importasse se ela o fizesse, porque, por mais que eu amasse minha mãe, não entendia aquela reprovação a Anita.

– Ouvi mamãe e papai discutindo sobre Anita, e mamãe disse uma coisa muito estranha. Ela disse “Anita me causa a sensação de que há algo espreitando minha casa, cercando-a e arranhando as paredes. Gostaria que fosse uma sensação menos perturbadora”. O que acha que ela quis dizer com isso, srta. Pricket?

– Não deveria ficar ouvindo a conversa dos seus pais, srta. Cruella. – A srta. Pricket me repreendeu de leve. – Não é o comportamento de uma dama. – Bocejei. Às vezes era fácil demais não agir como uma dama, mesmo sem perceber. Então mudei de assunto.

– Mamãe estava linda esta noite, não estava, srta. Pricket? Não sou a garota mais sortuda do mundo por ter uma mãe tão bonita?

– Sim, ela estava muito linda, srta. Cruella – ela disse.

– E eu não sou a garota mais sortuda do mundo? – provoquei. Ela não havia respondido àquela parte da pergunta. Só ficou lá parada com cara de triste. Por algum motivo, a srta. Pricket sempre parecia triste quando falava de mamãe. E parecia especialmente triste à noite. Sorri para a mulher quando ela me deu um beijo de boa-noite na bochecha, mas eu estava triste por ela. Que vida solitária ela

deve ter tido. Passando seus dias a cuidar de uma criança que não era sua filha, fazendo a maioria das refeições sozinha. Sem família e amigos que a amassem ou que se importassem com ela. Eu supunha que eu fosse a única a se importar, do meu jeito.

– Boa noite, srta. Pricket – eu disse com um sorriso, esperando que ela se animasse, mas sua expressão se manteve a mesma, independentemente dos meus esforços para mudá-la.

Mas então algo surpreendente aconteceu. Seu rosto se transformou por completo.

– Ah! Cruella! Desculpe-me por ter esquecido. Sua mãe deixou uns presentes para você na penteadeira. Veja! – Ela correu até o móvel e trouxe as caixas para que eu as abrisse. Uma delas continha um belo vestido vermelho com cinto combinando. Numa caixa menor havia um par de sapatos e uma pequena carteira. A última caixa que abri era a maior, e continha o presente mais fabuloso de todos: um casaco de pele branco com a gola preta. Saltei da cama e o vesti depressa. O casaco me deixava glamorosa até vestindo minha camisola.

Eu estava igualzinha à mamãe. Finalmente tinha um casaco de pele para chamar de meu. E eu simplesmente *sabia* que aquele era o início de uma fase importante da minha vida. Eu estava me tornando uma dama elegante. Assim como mamãe.

– Viu só, srta. Cruella, como sua mãe *pensa* em você? Acho que ela a ama muito – comentou a srta. Pricket. Mas seu olhar me dizia que ela estava se esforçando mais para convencer a si mesma do que a mim. Eu não precisava ser convencida. Eu sabia que minha mãe me amava.

Virei do espelho para a srta. Pricket, dando-lhe um olhar feio.

– Que coisa estranha de se dizer, srta. Pricket. É claro que mamãe me ama. Veja este lindo casaco! – A srta. Pricket assentiu, mas parecia triste enquanto guardava meus presentes.

– Por que está tão triste? – perguntei. Suponho que eu tenha me sentido um pouco mal por ela. Ela sorriu outra vez, mas não respondeu. Esse é o problema com os intermediários, como a srta. Pricket. Como são quase reais, *quase* nos sentimos mal por eles. Quase gostamos deles. Mas nunca descobri o que a deixava tão

triste. Nossa conversa foi interrompida naquela noite antes que ela pudesse me responder, porque, de repente, alguém bateu à porta.

– Cruella? – A voz que ouvi era grave, baixa e interrogativa.

– Papai? Entre! – respondi. Ele entreabriu a porta e espiou, brincalhão. Ele exibia o mesmo sorriso travesso com que geralmente me cumprimentava antes de dormir. Eu tinha o pai mais bonito entre todas as minhas amigas, com seus cabelos escuros e sorriso largo de galã de cinema. E ele sempre sorria para mim. Não era um daqueles lordes formais, do tipo que parecia uma morsa gigante ou um pássaro enfadado. Ele era bonito e estava sempre sorrindo. Em retrospecto, acho que minha mãe gostaria que ele fosse um pouco mais sério. Talvez um pouco mais formal. Agora sei que ela não gostava que ele encorajasse minha amizade com Anita, ou que ele não se incomodasse quando eu ficava acordada a noite toda lendo meus contos de fadas. E sei que ela não gostava das caretas que ele fazia à mesa de jantar para que eu risse. Mas, para mim, era encantador.

Dava para ver que a srta. Pricket sempre se sentia uma intrusa quando papai chegava de repente à noite para uma conversa antes da hora de dormir, se chegasse em casa a tempo. Ela pedia licença sem jeito e saía apressada, mais como uma não gente do que como a intermediária que era. Eu sempre ria ao vê-la se esgueirar porta afora antes que papai se sentasse pesadamente na beirada da cama de modo dramático. Ele não era um homem estabonado, mas, comigo, gostava de fingir que era. Era uma coisa nossa.

– E como vai a minha garota? – ele perguntou.

– Muito bem, papai. Tive um ótimo dia com mamãe.

– Você a viu hoje? – Papai era meio esquecido às vezes. Ele sempre parecia surpreso quando eu lhe contava que passara o dia com mamãe, embora soubesse que ela ficava uma hora comigo depois das minhas aulas.

– Vi, papai. Eu a vi na hora do chá, como fazemos todos os dias. Foi uma hora maravilhosa!

– É mesmo, minha menina? Uma hora maravilhosa? Que bom saber disso, querida Cruella. – Seu olhar pousou nas caixas vazias ao pé da cama e ele franziu o cenho. – Vejo que sua mãe fez compras de novo. – De repente, fiquei brava com a srta. Pricket por

ela não ter tirado as caixas de lá. – O que ela lhe comprou desta vez? – ele perguntou, parecendo um pouco irritado.

– Ah, papai! Mamãe comprou para mim um casaco de pele branco perfeito! – Saltei da cama e vesti o casaco para ele, girando diante do espelho. – Não fico igualzinha a ela?

– Sim, Cruella. Receio que sim.

Ele me olhou de um jeito tão esquisito que parei subitamente de girar. Será que eu o tinha deixado zangado?

– Papai, está bravo comigo?

Ele me tirou do chão e girou comigo.

– Não, querida. Não estou bravo com você. Você está adorável. Vamos dançar. – Dançamos pelo quarto, o que nos fez rir tanto que tivemos que parar para recuperar o fôlego. Então ele enfiou a mão no bolso e tirou de lá um pacotinho envolto em papel pardo e amarrado com barbante. – Eu também tenho algo para você, querida. Não é um casaco de pele, mas tem uma história interessante, da qual acho que você vai gostar.

Papai raramente me dava presentes. Ele me dava sorrisos bobos, conversas e afeto quase todas as noites, mas raramente me dava presentes. Ele não tinha muito tempo para demonstrar seu amor, sempre ocupado na Câmara dos Lordes. Ao contrário de mamãe, que quase sempre comprava algo belo para mim.

– Ah, papai! – exclamei, rasgando o papel. Os pedaços fizeram minha colcha branca parecer que era de bolinhas marrons.

– Desculpe-me por não ter tido tempo de fazer um embrulho bonito – ele disse. – O vendedor era um homem interessante, o dono da loja de antiguidades, não do tipo que embrulha as coisas em lindas caixas e laços. – Eu não me importava. Mal podia esperar para ver o que era. Mas meu sorriso murchou quando abri a caixa: um par de brincos de jade redondos. Eram de um verde comum e sem graça.

– Obrigada, papai – falei, sorrindo outra vez com esforço. Em comparação com o casaco de pele que mamãe havia me dado, mal se podia chamar aquilo de presente. Acho que foi naquele instante que eu percebi que meu pai não me amava – ou pelo menos não tanto quanto eu achava que amasse. Se me amasse, teria

comprado algo realmente belo para mim. Como mamãe sempre fazia.

– Cruella, querida, não lhe contei a melhor parte. Esses brincos foram achados em um baú de pirata de verdade! – Arregalei os olhos. *Aquilo* era interessante.

– Sério?

– Sério, querida. Ele era um grande pirata! Roubou um baú cheio de tesouros de uma terra mágica e distante. Lembra daquele livro que lhe dei? Aquele de contos de fadas estranhos? Aparentemente, o livro e os brincos vieram do mesmo lugar mágico.

– Isso, *sim*, é interessante! – E era. Eu amava histórias de fantasia e aventura. A ideia de um tesouro de pirata enchia meu coração de espanto. Mas eu não conseguia ficar empolgada com o presente. Pude ver a decepção no rosto de meu pai ao perceber que eu não havia adorado os brincos, mas mesmo assim ele continuou.

– Esta é a parte *mais* interessante, querida. Dizem que o tesouro tinha sido amaldiçoado por sacerdotisas sórdidas, fadas más ou algo assim. Dá para imaginar? – Tentei me animar com a história supostamente mágica do presente. Tentei mesmo. Mas estava desapontada demais com os brincos sem graça. Não era como se *eu* estivesse no navio pirata vivendo a aventura. Eu teria preferido isso, para ser sincera.

– Então você me comprou brincos amaldiçoados?

Meu pai riu.

– Bem, é claro que não são realmente amaldiçoados, Cruella. Não existe essa coisa de maldição, não de verdade. Mas você gostou tanto do livro de contos de fadas que lhe dei que achei que fosse gostar da história. A srta. Pricket e você não estão sempre lendo sobre aquela princesa aventureira, como é mesmo o nome dela?

– Princesa Tulipa – respondi.

– Isso, é esse o nome. Sei que adora as histórias dela, então quando fiquei sabendo dos brincos... bem, tive que comprá-los para você. – Ele suspirou. – Ainda que custassem uma fortuna.

Uma fortuna? Ah! Por que não havia dito logo? Bem, *agora* era outra história. Contemplei os brincos outra vez, avaliando-os, e

decidi que gostava deles. Não, decidi que os *adorava*! E repreendi a mim mesma por ter achado que papai não me amava.

– Adorei os brincos, papai! Obrigada! – falei, enlaçando o pescoço dele em um abraço. Seu sorriso murchou um pouco. Não entendi o motivo.

– Você consegue ser igualzinha à sua mãe, Cruella – ele disse. E achei que aquele era o melhor elogio que ele já me fizera.

CAPÍTULO II

A ÚLTIMA DE VIL

O tempo voa, queridos! Não podemos viver no passado para sempre. Mas é exatamente isso que estou fazendo ao contar minha história, não é? Este capítulo é difícil para mim, meus amores. Avançamos cinco anos no tempo, para o verão dos meus dezesseis anos, quando minha vida mudou para sempre, de muitas maneiras inimagináveis.

Nas semanas anteriores e posteriores à morte de meu pai, Anita foi minha única companhia. Mamãe estava fora, visitando a irmã, quando papai adoeceu, e passamos dias terríveis tentando contatá-la para avisar que deveria voltar para casa... A srta. Pricket também estava fora, cuidando da tia doente. Não sei o que eu teria feito se Anita não tivesse ficado ao meu lado naqueles dias sombrios.

Ele adoeceu de repente, sem aviso. O sorriso de Clark Gable de meu pai sumiu e seus olhos brilhantes se apagaram. Ele não era mais o homem que eu conhecia, o homem que se sentava comigo à noite antes de dormir e que me trazia livros de contos de fadas e aventuras, ou brincos de jade de valor inestimável vindos de terras encantadas. O homem que dançava comigo pelo quarto e que me fazia rir nos momentos mais inoportunos. Ele era apenas a sombra de si mesmo, e eu tinha medo de vê-lo daquele jeito. O médico disse que o coração dele estava fraco, e o meu se partiu ao vê-lo tão frágil e tão pálido. Eu queria me lembrar dele forte, sorridente e engraçado.

Eu me sobressaltei quando o médico finalmente saiu do quarto de papai. Ele baixou os olhos, e foi então que me disse.

– Sinto muito, Cruella – falou.

Fiquei parada do lado de fora do quarto pelo que pareceu ser uma eternidade depois que o médico se foi. Depois que ele me contou que meu pai morreria logo. Eu não entendia. E não conseguia

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Cruella: a história daquela mulher dia..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).